

PENSAMENTO MARGINAL E COLONIALISMO INTERNO: POR UM LUGAR NA EPISTEMOLOGIA DE(S)COLONIAL

SANDRO ADAMS¹;
DR. WILLIAM HÉCTOR GÓMEZ SOTO²

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas – sandroadams@gmail.com

² Docente na Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O espírito anticolonial foi sendo forjado progressivamente na América Latina desde as guerras independentistas no século XIX. Inúmeros intelectuais concentraram reflexões em busca de uma autonomia cultural, política e econômica. A crítica anticolonial, a teoria pós-colonial, a teoria da dependência, a ética da libertação, a teologia da libertação, a filosofia da libertação, a pedagogia do oprimido, a teoria do sistema-mundo, a colonialidade do poder e os estudos subalternos constituem terrenos teóricos férteis que tecem a formação do grupo modernidade-colonialidade-de(s)colonialidade (Cf. RESTREPO, 2015, p. 25).

Esta virada epistemológica confere legitimidade aos latino-americanos um locus legítimo de enunciação científica ao renovar criticamente as ciências sociais na América Latina no século XXI (Cf. MIGNOLO, 2007). Suas construções teóricas do conjunto de experiências latino-americanas vão se moldando em um constante e prolífico diálogo multidisciplinar. Fundamentalmente, objetiva reconhecer que a história universal foi contada a partir da perspectiva de uma história local em que a civilização ocidental se constituiu como a única verdade.

Os mais destacados membros deste grupo são os sociólogos Aníbal Quijano, Ramón Grosfoguel, Edgardo Lander, Immanuel Wallerstein, Boaventura de Sousa Santos; os filósofos Santiago Castro-Gómez, Nelson Maldonado-Torres, Enrique Dussel; os antropólogos Arturo Escobar, Fernando Coronil, Eduardo Restrepo; os semiólogos Walter Mignolo e Zulma Palermo; e a linguista Catherine Walsh. Embora provenientes de diferentes áreas das ciências sociais, o Grupo centra-se em um programa de investigação comum cuja principal força orientadora é uma reflexão continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana e que inclui o conhecimento subalternizado dos grupos sociais explorados e oprimidos.

A desconstrução do nexos cepalino *centro-periferia* baseada em uma nova equação global entre *Norte-Sul* possibilitou a mudança no lugar de enunciação que rompeu com o projeto monotópico moderno/colonial e propôs uma opção pluritópica. Criticar esta lógica hegemônica de produção de conhecimento pela marca da diferença colonial permite outros mundos discursivos ao “[...] *violentar la violencia epistémica*” (PALERMO, 2010, p. 80).

Entretanto, ao longo deste processo duas importantes categorias conceituais foram sendo menosprezadas pelo grupo: o colonialismo interno (Pablo Gonzáles Casanova) e o pensamento marginal (Florestan Fernandes). Ambas possuem metodologias diferentes, mas que convergem num diagnóstico preciso (implícito): a geopolítica do saber imprime um padrão permanente de colonialidade do poder, do saber e do ser.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa preliminar analisou bibliograficamente a categoria conceptual colonialismo interno de Pablo Gonzáles Casanova (2006) e a metodologia do pensamento marginal de Florestan Fernandes (2007) desde a sua formulação, auge e declínio/esquecimento. Em seguida, se comparou ambas e as confrontou criticamente na genealogia da inflexão decolonial. Este consistente desafio teórico permitiu indagar sobre as opções (presenças e ausências) epistemológicas de(s)coloniais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Jean-Paul Sartre (1968) expõe a civilização moderna como uma racionalidade colonizadora detentora do direito de outorgar a humanidade: colonizar é civilizar e civilizar é colonizar. Boaventura de Souza Santos (2010) concorda com esse desígnio epistêmico subjacente aos colonizados: é necessário pedir emprestado o verbo para a teoria. Assim, os latino-americanos só teriam a possibilidade de adjetivar os substantivos. Raewyn Connell será ainda mais enfática ao afirmar que a “[...] teoria é o trabalho que o centro faz” (CONNELL, 2012, p. 09) de tal modo que a “[...] sociologia investigaria o Ocidente, os Estudos Orientais o Oriente e a antropologia o resto” (VANDENBERGHE, 2012, p. 33). Desta forma, recordar-se-á que a “[...] ciência social deve englobar na teoria do mundo social uma teoria do efeito da teoria” (BOURDIEU, 1998, p. 82).

Doravante, há que se reconhecer a contribuição latino-americana para a teoria crítica nas ciências sociais como sendo relevante no contexto mundial. Enrique Dussel (1994) evidencia a colonialidade do saber ao tratar a modernidade a partir da invasão e conquista colonial da América. Walter D Mignolo comprova a colonialidade do saber e sugere a desobediência epistêmica diante do fardo eurocêntrico. Aníbal Quijano (2003) demonstra a colonialidade do poder no conceito de raça que articula o capitalismo e o colonialismo. Além disso, um conjunto de desmistificações originárias está em franca efervescência, tais como a descolonização da filosofia política pelo devir latino-americano (Enrique Dussel); do conhecimento universal pela situacionalidade geopolítica determinada (Edgardo Lander); do extrativismo mineral, epistemológico e ontológico (Ramón Grosfoguel); do gênero pelo feminismo negro e pela interseccionalidade (Maria Lugones), do secular pela topologia do ser (Nelson Maldonado-Torres), do poder (Julio Víctor Mejía Navarrete), do indígena (Catherine Walsh) e do corpo (Adrián Scribano). Assim, a radicalização da virada epistemológica enfatiza temas como “[...] raça, sexualidade, gênero, identidade, natureza, direitos e outros, ampliando os estudos clássicos sobre classe, poder e dominação” (HENRIQUE MARTINS, 2015, p. 01).

É possível ilustrar a força da hegemonia epistemológica questionada por estes intelectuais no esquecimento metodológico do colonialismo interno e do pensamento marginal. A auto-inclusão da América Latina (genocídio ameríndio) e do Brasil (genocídio africano) na modernidade acabou homogeneizando, inclusive, os discursos de(s)coloniais. Este recolonizar epistêmico dos saberes exprime um pensamento paroquial e sociologicamente provinciano atado a arengas conceptuais eurocêntricos e quase transmodernas.

4. CONCLUSÕES

A sociologia é um discurso válido sobre quem somos na sociedade em que vivemos (Cf. MIGLIEVICH-RIBEIRO; ROMERA, 2018, p. 109). Sua capacidade crítica fundamenta uma desconstrução das justificativas mitológicas. Assim, este

olhar sociológico rejeita as estruturas relativistas ou universalistas. Entre uma sociologia *sobre* a América Latina, cujo marco interpretativo/metodológico replica o pensamento sociológico do Norte no Sul ancorado no paradigma da universalidade científica ocidental, e uma sociologia *da* América Latina, cuja originalidade desvinculada do pensamento sociológico europeu se situa fora do sistema-mundo, opta por uma sociologia *na* América Latina comparativa de teorias e métodos situados no contexto da reflexão. Fundamentalmente, não hierarquiza as realidades sociais.

O empenho histórico em apontar a América Latina como locus legítimo de enunciação enfrenta a construção geopolítica e histórica da dominação eurocêntrica moderna que não desvela o “[...] o pecado da dominação desde o século XV” (DUSSEL, 1994, p. 152). Porém, a inclinação frequente em não discutir as correntes teóricas formuladas no locus enunciador latino-americano pelos próprios sociólogos latino-americanos submete a ciência a um colonialismo interno que dialoga somente com os “[...] europeus ou norte-americanos, mas nunca os latino-americanos” (DUSSEL, 1986, p. 15). Assim, o giro decolonial não foi uma dobra reflexiva sobre si, mas sobre uma exterioridade eurocêntrica.

Constitui um desafio metodológico tratar da de(s)colonialidade a partir da repetição cotidiana da ausência de importantes sociólogos expoentes de teoria sociológica (Cf. DOMINGUES, 2003, p. 13-43). Relembrados, a tese do pensamento marginal comporta refletir a realidade da América Latina por ela mesma em constante debate com as teorias eurocêntricas (Cf. SOTO, 2019, p. 562) para sustentar sua própria teoria de(s)colonial.

Desta forma, a articulação do pensamento marginal e do colonialismo interno na América Latina permite pensar um arquivo teórico consistente na virada epistemológica de(s)colonial (Cf. DE OTO, 2016). Trata-se de atualizar metodologias conceptuais através de um renovado artesanato intelectual (Cf. MILLS, 1972). Ao fundamentar uma teoria social inserida no sistema-mundo moderno-colonial, objetiva-se deslocar a já tensa relação centro-periferia para a margem-colonial.

Superar esta nova fase geopolítica do contexto de recolonização asseverada por uma metanarrativa da metanarrativa é ultrapassar o provincialismo paroquial a que está subjugada as ciências sociais latino-americanas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CASANOVA, Pablo González. Colonialismo interno (una redefinición). In: BORON, Atilio, AMADEO, Javier e GONZÁLEZ, Sabrina (orgs.). **La teoría marxista hoy**. CLACSO, Buenos Aires, 2006.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 27, n. 80, p. 09-20, 2012.

DE OTO, Alejandro. Notas preliminares sobre el archivo en contextos poscoloniales de investigación. BIDAISECA, Karina (org.). **Genealogias críticas de la colonialidad en América Latina, África, Oriente**. Buenos Aires: CLACSO, 2016.

DOMINGUES, José Mauricio. **Do ocidente à modernidade: intelectuais e mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUSSEL, Enrique. Prefácio. In.: ZIMMERMANN, Roque. **América Latina o não-ser**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **1942. el encubrimiento del outro: hacia el origen del "mito de la Modernidad"**. La Paz: Plural Editores/UMSA, 1994.

FERNANDES, Florestan. Tiago Marques Aipobureau: um bororo marginal. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 19, n. 2, p. 293-323, 2007.

HENRIQUE MARTINS, Paulo. A ALAS e a sociologia transnacional na América Latina. **Boletín Oteaiken**, Córdoba, n. 20, p. 01-09, 2015.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; ROMERA, Edison. Orientações para uma descolonização do conhecimento: um diálogo entre Darcy Ribeiro e Enrique Dussel. **Sociologias**, Porto Alegre, vol. 20, n. 47, p. 108-137, 2018.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

PALERMO, Zulma. Una violencia invisible: la "colonialidad del saber". **Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales**, Jujuy, n. 38, p. 79-88, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: Eurocentrismo, y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

_____. Sobre os estudos culturais na América Latina. **Educação**, Porto Alegre, vol. 38, n. 01, p. 21-31, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Refundación del Estado en América Latina: Perspectivas desde una epistemología del Sur**. Lima: Editora do Instituto Internacional de Derecho y Sociedad, 2010.

SARTRE, Jean Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

SOTO, William Héctor Gómez. El hombre marginal y la sociología brasileña. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 81, p. 561-582, 2019.

VANDENBERGUE, Frédéric. **Uma história filosófica da sociologia alemã. Alienação e reificação**. São Paulo: Annablume, 2012.